

BEST-SELLER INSTANTÂNEO #1 DO *NEW YORK TIMES*

“Profundamente pessoal... de tirar o fôlego.”

— *ROLLING STONE*

a casa da minha mãe

A LUTA DE
UMA FILHA
EM BUSCA DA
LIBERDADE



SHARI FRANKE

a casa da minha mãe

A LUTA DE
UMA FILHA
EM BUSCA DA
LIBERDADE

SHARI FRANKE

Tradução
Karine Ribeiro



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Shari Franke, 2025

Publicado mediante acordo com Gallery Books, um selo da Simon & Schuster, LLC

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Karine Ribeiro, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *The House of My Mother: A Daughter's Quest for Freedom*

Preparação: Lígia Alves

Revisão: Flávia Yacubian e Luana Negraes

Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao

Design de capa: David Gee

Foto de capa e foto da autora: Phillip Istomin/MANICPROJECT; Rawpixel

Adaptação de capa: Sandra Fava

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Franke, Shari

A casa da minha mãe / Shari Franke ; tradução de Karine Ribeiro.

- São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

240 p.

ISBN 978-85-422-3804-4

Título original: *The house of my mother*

1. Franke, Shari – Biografia 2. Redes sociais online 3. Crianças – Maus-tratos 4. Crimes reais I. Título II. Ribeiro, Karine

25-3629

CDD 920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Franke, Shari – Biografia

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	finalmente	10
------------	------------	----

PRIMEIRA PARTE

o jardim dos prazeres terrenos

CAPÍTULO 1	selado	14
CAPÍTULO 2	lágrimas	19
CAPÍTULO 3	mamãe não é muito boa para mim	21
CAPÍTULO 4	a raiva interior	26
CAPÍTULO 5	pioneiros	29
CAPÍTULO 6	a raiva de ruby	34
CAPÍTULO 7	refúgio	37

SEGUNDA PARTE

tripulação de tolos

CAPÍTULO 8	nasce uma estrela	44
CAPÍTULO 9	bebê sai sozinha do berço	47
CAPÍTULO 10	redesenhando a realidade	51
CAPÍTULO 11	influenciadora adolescente	54
CAPÍTULO 12	acho que minha mãe não me ama	61
CAPÍTULO 13	flagra	66
CAPÍTULO 14	coisinha dramática da mamãe	70
CAPÍTULO 15	um milhão de seguidores	76

TERCEIRA PARTE

a feiticeira

CAPÍTULO 16	serpente no jardim	86
CAPÍTULO 17	a seita da conneXions	92
CAPÍTULO 18	táticas de isolamento	98
CAPÍTULO 19	vencendo a olimpíada do auto-ódio	101
CAPÍTULO 20	roupa suja	103
CAPÍTULO 21	jodi mandou	107
CAPÍTULO 22	deixe o circo pegar fogo	111
CAPÍTULO 23	dronezinho obediente	117
CAPÍTULO 24	o demônio no meu quarto	122

QUARTA PARTE

humanidade atacada por demônios

CAPÍTULO 25	nona passageira	128
CAPÍTULO 26	em espírito e verdade	130
CAPÍTULO 27	sujo. vergonhoso. arruinado.	136
CAPÍTULO 28	grata	139
CAPÍTULO 29	natal infernal	144
CAPÍTULO 30	crianças não têm direito a uma infância mágica	147
CAPÍTULO 31	poço envenenado	152
CAPÍTULO 32	sementes de cura	156
CAPÍTULO 33	marionetes e titereiros	159
CAPÍTULO 34	pai de mentira	163
CAPÍTULO 35	cesta	169
CAPÍTULO 36	bajulação	175
CAPÍTULO 37	confronto	178

QUINTA PARTE

queda das condenadas

CAPÍTULO 38	a câmara de eco	186
CAPÍTULO 39	abandonados pela justiça	189
CAPÍTULO 40	mausoléu da mamãe	191
CAPÍTULO 41	filha de ninguém	194
CAPÍTULO 42	crimes verdadeiros	203
CAPÍTULO 43	a casa da minha mãe	210
CAPÍTULO 44	alianças de lembrança	212
CAPÍTULO 45	evidência debaixo do nariz	217
CAPÍTULO 46	lar, doce lar	221
CAPÍTULO 47	dia do julgamento	223
CAPÍTULO 48	diário da ruby	228
CAPÍTULO 49	isso acaba aqui	231
EPÍLOGO	sete passageiros	236

	agradecimentos	239
--	----------------	-----

CAPÍTULO I

selado

Eu tinha um sonho recorrente. Sempre começava tão lindo.

Luzes etéreas banham campos verdejantes até onde a vista alcança. Uma sensação de profunda paz toma conta de mim quando me dou conta de que ali deve ser o Paraíso. Minha jornada terrena acabou.

A paisagem muda, familiar e ao mesmo tempo estranha. Entes queridos que perdi aparecem a distância, seus rostos radiantes. Vou na direção deles, leve, tranquila, abraçando-os com lágrimas de alegria nos olhos. *Aqui é o Paraíso, penso. Isto é paz.*

Então vejo aqueles olhos. Frios e inflexíveis, me encarando com um poder tão antigo quanto as estrelas. É ela. Ruby.

De repente, a voz de Deus ecoa ao meu redor, estremecendo a base dos céus:

— *Minha criança, foi errado desafiar a sua mãe!*

Acordo em um pulo, o coração acelerado, e por um momento o terror permanece... nem no pós-vida vou conseguir me libertar dela?



Minha mãe nasceu Ruby Griffiths no dia 18 de janeiro de 1982, em Logan, Utah, a mais velha dos cinco filhos de Chad e Jennifer Griffiths, cujas famílias eram membros devotos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (SUD) por gerações.

Quando Ruby era jovem, a família dela se mudou para Roy, em Utah – uma cidadezinha onde a igreja SUD ditava quase todos os aspectos da existência. Nessa comunidade unida, os dias giravam em torno do estudo

das Escrituras, vida pura e, acima de tudo, família. Essa é, afinal de contas, a base da nossa fé.

Sendo a mais velha em um lar conservador e severo, a infância de Ruby envolveu menos brincadeiras e mais responsabilidades, e ela recebeu a incumbência de ajudar a criar suas irmãs mais novas. Consigo imaginar facilmente uma jovem Ruby, de postura reta e olhar determinado, lidando com as expectativas da família com uma sensação de propósito justo, ansiosa pelo dia em que teria sua própria família, degustando a ideia de enfim ser quem dita as regras e dar ao seu lar a forma que julgasse melhor. Para Ruby, a maternidade não era apenas um papel futuro: era o ápice das suas aspirações, a única coisa que ela queria para si acima de todas as outras.

A reverência dela à maternidade não é incomum na teologia SUD em que fui criada. Tornar-se mãe, na minha fé, é um chamado espiritual da maior ordem, uma chance de emular o divino e de participar da grande tapeçaria da Criação. Talvez por isso o desgaste físico – os desconfortos da gravidez, a dor lancinante do parto – não fosse visto por Ruby como um obstáculo a ser superado ou um peso a suportar. Em vez disso, era visto como provação divina, oportunidade para demonstrar a fé inabalável dela no plano de Deus e garantir seu lugar no pós-vida celestial junto aos ancestrais sagrados que percorreram esse caminho antes dela.

Assim que completou dezoito anos, o apito soou na corrida de Ruby em direção à exaltação eterna, e minha mãe embarcou em sua missão de povoar não apenas seu lar terreno, mas sua mansão celestial também.

Mas primeiro ela precisava de um marido.

Nos anos 2000, quando a Ruby de dezoito anos colocou os pés pela primeira vez no campus da Universidade Estadual de Utah, ela tinha apenas uma coisa em mente: caçar um homem. Sim, ela havia escolhido cursar Administração, mas para Ruby a faculdade nunca teve a ver com aprendizado. Tratava-se de encontrar um parceiro com quem pudesse se casar, começar uma família e começar a cumprir seu propósito divino, para ontem.

Em sua visão cor-de-rosa, Ruby definiu as principais qualidades que queria em um homem. “Treze centímetros mais alto que eu.” “Bonito.” “Carro quitado.” “Engenheiro.” (O pai dela era engenheiro, então talvez ela gostasse da ideia da história se repetindo.) Nem preciso dizer que o homem ideal para ela tinha que ser devotado à igreja.

Chega meu pai, Kevin Franke: um veterano que morava no campus, quatro anos mais velho, com vinte e dois, prestes a conseguir seu diploma de Engenharia, e um exemplar e tanto da fé SUD. Ele era treze centímetros

mais alto que Ruby (confere), tinha o maxilar quadrado (bonito – confere), e seu intelecto afiado e ambição indicavam um futuro promissor.

Além disso, ele parecia tão... gentil. Exalando bondade genuína, Kevin tinha uma aura tranquila, um bálsamo para o espírito intenso de Ruby. Ela não tinha interesse em conflitos de poder, afinal de contas; ela precisava de alguém pacato o suficiente para deixá-la tomar as rédeas sem muita resistência, um copiloto satisfeito em permitir que ela conduzisse sua jornada compartilhada, pagar as contas e dar a ela os filhos que tanto desejava.

Nascido em 9 de outubro de 1978 em Odgen, Utah, Kevin era o caçula de sete irmãos; o mais novo antes dele era doze anos mais velho que Kevin. A chegada tardia o tornou algo anômalo – enquanto seus irmãos estavam no ensino médio e além, ele ainda estava aprendendo a amarrar os cadarços, e seus dias aconteciam em uma névoa de aventuras na vizinhança e esportes na TV, supervisionada por pais que já tinham feito tudo isso antes.

A mãe de Kevin não gostava de cozinhar – a vida girava em torno de refeições congeladas, TV e conversas sobre fé. A casa costumava ser descontraída, sem muitas regras; um ambiente tranquilo que moldara Kevin em um tipo de homem gentil e equilibrado.

Como Ruby, Kevin estava determinado a encontrar sua parceira espiritual; uma mãe para os filhos que ele esperava criar na fé. Mas ele fora à faculdade com o objetivo de aprender, garantir seu futuro, e não estava com pressa para encontrar uma esposa. Isto é, até notar a presença de Ruby.

Ele a viu primeiro, entrando na sala em um evento de boas-vindas com cachorro-quente no campus. Uma rainha perfeita, Ruby ia de rapaz em rapaz, sua confiança no flerte diferente de tudo o que ele já tinha visto. O fato de ela ser naturalmente bonita, loira, com um enorme sorriso estonteante e uma figura esbelta, ajudou – Ruby era totalmente o tipo dele.

Enquanto ela entrevistava metodicamente maridos em potencial, como uma diretora de elenco escalando seu protagonista, Kevin sentiu que o tempo passava. Ruby era o prêmio, e, se ele não fizesse algo para se destacar na multidão, acabaria sendo só mais um competidor fracassado na corrida da jovem até o altar.

Uma noite, Kevin estava sentado ao lado de Ruby, segurando a mão dela sob um cobertor enquanto os dois assistiam a um filme com alguns amigos. Kevin não dava a mínima para o que estava acontecendo na tela – só conseguia pensar na maciez da pele dela, na pressão suave do toque, no dedão dela vez ou outra roçando os nós dos seus dedos. Cada sensação era elétrica, enviando arrepios pelo braço até o coração.

Então Kevin viu outro rapaz – um dos admiradores de Ruby – sentado do outro lado dela, perto demais. Ficou nervoso ao perceber que Ruby também segurava a mão do outro sob o cobertor. Geralmente muito tranquilo, Kevin se levantou, o rosto queimando, o coração acelerado. Sem dizer nada, saiu pisando duro, deixando Ruby boquiaberta.

No dia seguinte, Kevin falou com Ruby e explicou as regras. Chega de dar a mão para outros rapazes. Ponto-final. Ruby, atraída pela paixão dele, apressou Kevin para conhecer os Griffith, seus pais e críticos mais duros. Eles o aprovaram e Kevin, em troca, apresentou Ruby aos pais, os Franke, que a consideraram uma jovem adorável, perfeita para o filho.

Duas semanas depois que se conheceram, Ruby foi direto ao assunto:

— Então, vamos nos casar?

Kevin, pego de guarda baixa, murmurou a palavra mais perigosa do dicionário:

— Sim.

Em apenas catorze dias, eles passaram de estranhos a noivos.

Enquanto Ruby e Kevin começavam a organização do casamento, eles passaram a se conhecer melhor. Os dois adoravam tocar piano, embora a abordagem deles do instrumento não pudesse ser mais diferente. Kevin tinha memória fotográfica e podia tocar canções de jazz e músicas populares sem sequer praticar. Ruby, por outro lado, já havia se dedicado ao piano de corpo e alma. Durante a adolescência, ela se dedicara ao mundo da música clássica, seus sonhos cheios de visões de salas de concerto e ovações em pé. Ela encarava cada peça com precisão meticulosa, passava horas aperfeiçoando cada nota, cada mudança dinâmica. Para ela, tocar não se tratava de diversão – tratava-se de se superar, e, quando ela sentia que não era perfeita, isso deixava uma marca em seu ego que nenhuma quantidade de prática parecia preencher.

Toda a autoestima de Ruby era construída sobre o excepcionalismo, então, se ela não podia ser extraordinária, de que adiantava? Ela precisava de um novo sonho, uma nova fonte de validação. Se a música não definiria sua grandeza, então a maternidade definiria. Rostos angelicais a sorrir para ela com o amor e a adoração que ela desejava. Páginas em branco, prontas para serem escritas com a sabedoria dela, os valores dela, com aquilo que a tornava ela mesma.

Para Kevin, dois filhos estava ótimo, mas Ruby desejava um clã, e Kevin ficou satisfeito em concordar com a grande visão de Ruby, jurando mover céus e terra a fim de apoiá-la em seus sonhos. Assim, a dinâmica foi definida:

Kevin, o eterno ator coadjuvante contracenando com a protagonista Ruby em sua produção épica de “A Melhor das Mães”.

Em 28 de dezembro de 2000, pouco mais de três meses depois de se conhecerem, Ruby e Kevin seguiram até o templo, prontos para serem eternamente unidos aos olhos de Deus. Ruby estava perfeita vestida de marfim, o cabelo uma cascata de cachos, um xale étnico sobre os ombros para se proteger do frio do inverno. Nem os sapatos errados de Kevin – um preto, outro marrom, graças à pressa para se arrumar no escuro – conseguiram diminuir o sorriso dela.

E foi assim o momento de conto de fadas de Ruby tomando vida. Enquanto os votos deixavam seus lábios, ela sentiu seu “felizes para sempre” se desenrolar diante dela como um tapete vermelho – finalmente, sua vida estava prestes a começar.



CAPÍTULO 2

lágrimas

— Ela está ficando cansada aí dentro — disse o obstetra. — Vamos precisar intervir.

Então, com uma geringonça que parecia mais adequada para limpar carpetes do que trazer uma nova vida ao mundo, os médicos sugaram minha cabeça e me puxaram à força.

Era 3 de março de 2003, e, depois de nove meses difíceis de uma gravidez cheia de complicações médicas, a Ruby de vinte e um anos enfim me expulsou do útero, sua primeira filha. De alguma forma, através da névoa da dor e da exaustão, Ruby conseguiu dar um sorriso vitorioso. Em seus braços havia não apenas um bebê, mas o maior poder de uma mulher. Seu direito divino de moldar uma nova alma à sua própria imagem.

Me aninhando em um pós-parto de exaustão, ela olhou além do pacotinho que berrava e se contorcia em seus braços para o futuro exaltado que eu representava. Em meu corpinho, Ruby viu as primeiras pinceladas da sua obra-prima, o primeiro capítulo da narrativa épica que seria seu legado de proeza maternal incomparável.

Com mais ou menos três meses, Ruby me levou ao pediatra para descobrir por que eu era tão ranzinza — meu choro constante testava a visão dela de felicidade materna —, mas o médico disse que era só cólica. Quando comecei a rejeitar a mamadeira e fiquei letárgica, Kevin surtou e correu comigo para a emergência, onde descobriram que eu tinha um bloqueio intestinal que colocava minha vida em risco. Sem a cirurgia de urgência, eu provavelmente teria morrido. Pelo jeito, desde o começo, minha infância estava destinada a ser uma luta por sobrevivência.

Ruby não acreditava em me oferecer conforto quando eu era bebê, não como a maioria dos pais fazem. Por que ela faria isso? Deixar o bebê se

esgoelar não era problema, essa sempre fora a filosofia da família dela. Bebês não deviam ser mimados. Nada de tolerar manha. É para o bem deles, para saberem quem é que manda, e quando crescerem eles podem aprender a lidar com seja lá o que acontecer sem serem perdedores fracos e bebês chorões.

Mesmo assim, ironicamente, minhas primeiras lembranças são de Ruby chorando. Ela tinha lágrimas para todas as ocasiões. Alegria, tristeza, tédio – não importava, Ruby chorava em qualquer situação, uma mulher sempre em conflito com seu próprio equilíbrio. Talvez por isso ela quisesse tantos filhos. Uma coleção de bonecas russas, cada qual uma versão um pouco menor da anterior, para absorver o tsunami das emoções intensas dela. Existe um jeito melhor de preencher o vazio interior do que se cercar de reverentes miniversões de si mesmo? O interessante é uma pessoa que chorava tanto parecer tão imune às lágrimas alheias, incluindo as minhas.

Fico me perguntando quanto do meu eu adulto foi forjado naqueles primeiros anos de formação. Minha tendência a reprimir as emoções, a apresentar um rosto estoico para o mundo... são ecos de uma criança que aprendeu que suas aflições sempre serão desprezadas? Mesmo antes de conseguir formar palavras ou pensamentos, o que eu aprendi foi que minha dor não importava, que minhas necessidades eram inconvenientes? Se minhas lágrimas tivessem encontrado conforto em vez de indiferença calculada, será que eu teria me tornado uma pessoa mais aberta, sem tantos muros? Ou será que sempre fui destinada a ser introvertida, a me tornar emocionalmente distante em um instante, meus sentimentos presos atrás de uma fortaleza que ainda tenho dificuldade para atravessar?

Não há como ter certeza... a natureza e o cuidado dançam um tango complexo, afinal de contas. Mas, enquanto reflito a respeito das muitas incongruências da minha infância, não posso deixar de sentir uma tristeza pela bebezinha que chorava pedindo a mãe. Que queria um tipo de amor diferente daquele que recebeu. Um amor que permite vulnerabilidade, lágrimas, todo o alcance das emoções humanas. Um amor que permite que uma criança tenha liberdade para sentir.

CAPÍTULO 3

mamãe não é muito boa para mim

Em 2005, quando eu tinha dois anos, o Show da Ruby expandiu seu elenco com a estreia do meu irmão Chad. Junto a ele, mais um acréscimo – nossa primeira cadela, Nolly, uma filhote de labrador amarelo, muito alegre, cheia de energia e amor. Ela corria para mim, o rabo balançando furiosamente, me enchendo de lambeijos. Nolly e meu irmãozinho sempre me faziam rir.

Em 2007, a terceira criança de Ruby, uma menina, entrou em cena. Não vou mencionar o nome dela neste livro. Ao longo desta narrativa, exceto por Chad, meus irmãos mais novos não terão seus nomes revelados. Não se trata de omissão pura e simples – é minha última barreira de defesa para protegê-los.

Em um mundo mais gentil, as histórias deles não seriam assunto de um livro. Seus momentos íntimos pertenceriam a eles, sendo conhecidos apenas pelos amigos e pela família, e não dissecados por estranhos na internet. Mas, para nós, paz e anonimato nunca foram uma opção. Devemos isso a Ruby. Ruby e sua sede insaciável por atenção e sucesso.

A jornada da minha mãe para os holofotes começou de maneira inocente – um blog sobre maternidade a que ela deu o nome de *Good Lookin Home Cookin* [em tradução livre, Comida Caseira e Bonitinha]. Os blogs de mães ainda eram uma fronteira selvagem na época, pronta para ser tomada, e Ruby, assim como suas irmãs e as amigas, estava animada para explorar as possibilidades na internet.

“Meu principal objetivo com este blog é registrar o crescimento e as experiências da minha família”, proclamava Ruby em seu brilhante novo perfil de blogueira. “Quero que meus filhos tenham um espaço na internet para ler coisas legais sobre eles e saber o quanto progrediram.”

Na minha igreja, somos encorajados a documentar nossas vidas meticolosamente, criando um mapa para as futuras gerações entenderem suas raízes, e parecia que a internet era apenas uma extensão disso, outra forma de fazer o trabalho do Senhor. O bloguezinho cheio de receitas deu a Ruby seu primeiro contato com a existência online e as possibilidades que trazia – uma ferramenta de autoexpressão, um meio de projetar uma identidade e forjar uma conexão com as pessoas ao compartilhar suas receitas de creme de framboesa, frango com mel e limão e todo tipo de biscoito – pintando a imagem de um lar preenchido com o aroma constante de pão recém-assado e refeições preparadas com amor.

A verdade é que eu nem sei se ela chegou a fazer algum daqueles pratos. Claro, Ruby estava sempre cozinhando (ela gostava de testar as receitas do livro de Ann Romney), mas a maioria das receitas do *Good Lookin' Home Cookin* era mais ambiciosa que realista, parte da imagem daquela mãe sorridente e suja de farinha, com vários querubins reunidos ao redor da mesa. Desde cedo em sua carreira online, Ruby mostrava disposição para sacrificar sua autenticidade no altar das aparências.

Há algumas exceções – posso confirmar que o pão dela era lendário, um elemento básico de todas as reuniões de família. Ela cortava fatias grossas, cada pedaço era praticamente uma baguete, com buraquinhos irregulares que demonstravam sova à mão e paciência. A casca sempre tinha uma pequena rachadura, mostrando o interior macio e quente. Era o tipo de pão que exigia ser notado, que transformava um simples sanduíche em uma refeição. Uma fatia era suficiente para me deixar cheia, embora eu costumasse comer mais.

Ela começou outros blogs: *Full Suburban* [100% Suburbana] e um blog de maternidade com as amigas, chamado *Yummy Mummy's* [Delícia da Mamãe]. Exercitando seu talento natural para o marketing, ela começou a marcar as fotos da nossa família, colocando um logotipo no cantinho: “Essa é a vida dos Franke”. Minhas três tias, Ellie, Bonnie e Julie, que moravam todas a uma hora e meia de distância uma da outra com seus próprios maridos e proles em crescimento, demonstravam interesses similares em ter blogs. Parecia inerente ao DNA das Griffiths essa necessidade feminina de pegar a vida familiar e transformá-la em algo maior.

“Todos os meus filhos vão aprender a tocar piano”, proclamou Ruby, e sendo a primogênita, fui a cobaia. Quando completei cinco anos, Ruby passou a me acordar às seis da manhã e a me colocar de pé diante do nosso piano Kawai, para praticar sob seu olhar severo.

— Curve os dedos, Shari! Conte! — ordenava ela, batendo no piano com a mão e me fazendo dar um pulo. — E, pelo amor de Deus, não faça essa cara.

Logo aprendi que qualquer coisa menos que puro entusiasmo enfurecia Ruby. Qualquer sinal de desconforto no meu rosto e *bam!* Era um tapa no braço, um peteleco nos lábios ou um puxão forte na orelha. Eu raramente chorava quando Ruby me punia – só uma pessoa naquela casa tinha permissão para chorar, e não era eu. Então eu ficava quieta, mantinha a expressão neutra. No entanto, sob meu exterior calmo, uma ideia se enraizava.

Mamãe não é muito boa para mim.

Eu era grata por Nolly, que deixara de ser uma filhote adorável e se transformara em uma labradora adulta.

Durante aquelas terríveis aulas de piano, quando a voz crítica de minha mãe parecia preencher cada canto da sala, Nolly se posicionava embaixo do piano, seu corpo quente pressionado contra os meus pés. Quando o sermão de minha mãe passava dos limites, eu olhava para baixo e via os olhos castanhos gentis de Nolly virados para mim, cheios de amor e conforto, como se dissesse “Tudo bem, estamos nessa juntas”.

— Mamãe — eu choramingava enquanto entrava no quarto dos meus pais tarde da noite, apertando Bubbles, meu cavalo de pelúcia, contra o peito. — Minha barriga está doendo de novo.

Ruby suspirava alto, o rosto contorcido de irritação.

— Shari, já falamos sobre isso. Você está bem. Volte para a cama.

Já naquela época, com cinco anos, meu corpo começava a se rebelar, como se todas as células gritassem em protesto contra o ambiente em que se encontravam. Agora sei, é claro, que a dor no estômago era mais que uma reclamação infantil – era uma resposta física à minha ansiedade.

À noite, aquela sensação constante de desconforto se transformava em algo assustador. Eu ficava deitada na cama, sentindo a escuridão pesar sobre mim, totalmente convencida de que a qualquer momento um demônio de verdade se materializaria ao meu lado na cama, pronto para roubar minha alma. O medo era tão real que eu implorava que Ruby deixasse a luz acesa quando eu ia deitar. Mas ela não tinha tempo para meus fricotes.

— Não, Shari, você precisa aprender a dormir no escuro. Não existem demônios na minha casa.

Ela estava errada, é claro. Com certeza havia um.

Assim que as luzes se apagavam, outros apareciam, figuras grotescas saídas de pesadelos medievais, entidades demoníacas se aproximando com

sorrisos tortos. Seus rostos retorcidos assombravam minhas noites insones, suas histórias agonizantes exibidas nos meus sonhos.

Por que uma garotinha abrigava medos tão tangíveis de possessão demoníaca? Tenho certeza de que o profundo paradigma religioso em que eu vivia teve parte nisso. Nós acreditamos piamente no poder de Satã e na habilidade da sua legião de espíritos caídos de possuir as pessoas. Nós acreditamos que o mal pode habitar formas físicas, às vezes temporariamente, às vezes por longos períodos. Criada para acreditar que até mesmo o ar que eu respirava estava tomado de forças invisíveis que batalhavam pelo domínio da minha alma, era fácil minha mente jovem imaginar uma guerra acontecendo dentro do meu quarto.

Talvez, também, minha constante sensação de pânico perto de minha mãe emocionalmente volátil tivesse me preparado para esses medos — como se meu subconsciente, incapaz de entender o caos dentro de casa, tivesse conjurado terrores sobrenaturais para dar contorno à ansiedade sem forma que parecia preencher nossa casa.

★

Em uma determinada semana, eu pratiquei uma canção que minha professora de piano tinha ensinado, repetindo cada nota e acorde até praticamente conseguir tocá-la dormindo. Ruby parecia satisfeita com o meu progresso e decidiu que era hora de passar para outra música. Mas então chegou o dia da minha aula de piano.

— Ainda não, querida — disse a professora depois que me ouviu tocar.
— Vamos trabalhar nessa mais uma semana.

Mais uma semana até ela me dar um adesivo, indicando que a tarefa estava completa. O que sem dúvida parecia uma coisa pequena para ela. O que ela não percebia era que a estrelinha dourada representava vida ou morte para mim... como eu iria dizer a Ruby que o julgamento dela estava errado? Minha professora não entendia a posição precária na qual me colocara, o equilíbrio delicado de poder com o qual tinha mexido?

Lágrimas quentes arderam nos cantos dos meus olhos, e eu me remexi no assento enquanto a professora me encarava, confusa, pouco acostumada a ver uma reação tão intensa de uma menina de cinco anos.

— O que foi, Shari? — perguntou ela.

— É que a minha mãe acha que já estou boa — falei, minha voz tremendo.

Como é que eu poderia explicar à minha professora o campo minado pelo qual eu andava diariamente, dizer que era forçada a pisar em ovos o tempo todo?

Minha professora, sentindo a caixa de Pandora que acabara de se abrir, escolheu sabiamente fechá-la.

— Está bem, esqueça. Tome aqui o seu adesivo, parabéns! Você está indo muito bem. Música nova semana que vem.

Ufa. Consegui sair da areia movediça... pelo menos por enquanto.

Pensando agora, me impressiono com a rapidez com a qual minha mente jovem se adaptou ao humor de Ruby. Com cinco anos, eu sabia por instinto onde era meu lugar. Ser dócil. Ser obediente. Assumir a forma do que quer que conseguisse ganhar a afeição condicional de Ruby. Eu era uma planta se inclinando para o sol, me contorcendo em formas anormais para ser atingida pelo raio da aprovação dela. No entanto, não importava o quanto eu me mexesse e me contorcesse, não importava o quanto eu conquistasse ou tudo o que cumprisse, jamais era suficiente. Sempre haveria um novo arco pelo qual saltar, algum novo padrão a me adequar.

Criança alguma deve ser obrigada a conquistar a afeição dos pais. E conquistada alguma preenche o vazio onde o amor incondicional deveria estar. Hoje, o simples fato de pensar em me sentar ao piano provoca algumas das minhas mais profundas crises de ansiedade, tudo graças à minha mãe. É uma pena que as coisas mais lindas, até mesmo a música, possam ser arruinadas pelas sombras do nosso passado.



CAPÍTULO 4

a raiva interior

Quando eu tinha seis anos, em 2009, Ruby deu à luz o bebê número quatro, outra menina. Minhas três tias e seus maridos estavam presentes no parto, e o que se conta é que minha irmã simplesmente “veio ao mundo” muito rápido, como se estivesse animada para entrar na festa.

No dia em que Ruby voltou para casa da maternidade, eu me lembro de ficar na porta do quarto dela, observando enquanto sua mãe lhe dava um presente – um lindo pijama de seda.

Enquanto eu ficava ali, acompanhando a cena, não pude deixar de sentir a dor de algo que não consegui nomear. Inveja? Desejo? Ruby e a mãe dela eram unidas por um laço que parecia impenetrável, uma proximidade que eu admirava e invejava. A risada fácil delas e os sorrisos cúmplices me faziam ter ainda mais consciência da distância que me separava de Ruby.

Soltei de repente:

— Também vou ganhar um pijama de seda quando tiver um bebê?

— Com certeza! — disse Ruby, a voz suave. — Quando você tiver um bebê, nós vamos ser amigas.

Naquele instante, tudo se encaixou. A distância que sempre senti, o desejo de um relacionamento mais próximo com minha mãe... tudo fez sentido. Ruby e eu só poderíamos ser amigas de verdade quando eu fosse uma mulher com marido e família. Quando eu estivesse no mesmo patamar que ela. Tal qual Ruby havia precisado se tornar esposa e mãe para conseguir o respeito da própria mãe, eu teria que seguir pelo mesmo caminho. Eu teria que esperar para ser amada.

Enquanto eu observava Ruby e a mãe babarem no pijama de seda, fiz um voto silencioso comigo mesma. *Um dia vou ter um bebê. Um dia vou ganhar um pijama. E nesse dia finalmente Ruby e eu vamos ser amigas.*

Ruby tentou engravidar outra vez imediatamente – embora fosse óbvio que o estresse das gestações seguidas a afetava. Havia dias em que seus olhos mal abriam, os lábios pressionados em uma linha fina e pálida enquanto observava o caos de uma casa se enchendo de humaninhos. Ela observava nosso lar fazendo o escrutínio frio de um general que analisa o campo de batalha, decidindo como impor a ordem. A arma que escolhia? A voz, às vezes as mãos. Quem estivesse mais perto sofria com a violência da frustração. Um vaso caído, um brinquedo no lugar errado, um copo com uma manchinha de nada... tudo se tornava um pretexto para os ataques.

Assim que os filhos começavam a andar, Ruby ia contratando sua equipe de limpeza em miniatura. A filosofia dela era simples: todo mundo contribui, todo mundo se mantém ocupado. Afinal de contas, mãos vazias são a oficina do diabo. Uma das táticas favoritas dela era a patrulha da faxina. Ela nos reunia com um único olhar e anunciava: “Muito bem, tropa. Vou programar o timer para uma hora. Vamos limpar esta casa inteirinha. Prontos? Vamos!”. Nós nos separávamos, um redemoinho tirando o pó, esfregando e organizando. Era caótico, exaustivo e estranhamente estimulante. Eu não me importava de ser a pequena assistente da mamãe, supervisionando meus irmãos para ajudar na nossa crescente demanda de tarefas domésticas.

O dinheiro era pouco, mas a carreira de Kevin como engenheiro geotécnico estava prosperando. Ele era fascinado de verdade pelas placas tectônicas e pela liquefação da terra, se aprofundando em um mundo acadêmico em que as mudanças aconteciam em um prazo geológico. Era um contraste e tanto com os dramas diários na cozinha que consumiam a mente de Ruby, as crises emocionais que nos faziam pisar em ovos.

Um dia, algo mudou em Ruby. Suas lágrimas sempre presentes assumiram um novo peso, e, mesmo com meu entendimento limitado, senti que algo muito triste tinha acontecido. Ruby sofrera outro aborto – seu terceiro – com dezessete semanas. A gravidez estava avançada o suficiente para ela sentir aqueles primeiros chutinhos, saber o gênero – um menino – e até escolher um nome. Desta vez não era apenas a perda de uma gravidez; era como perder um filho, uma parte de si.

Ruby jamais se permitiu tempo para ficar de luto... ela havia aprendido que, quando a vida fica difícil, você pega os limões, faz uma limonada e segue em frente. Ter mais filhos, fazer mais pães, seguir em movimento.

Uma noite, ela teve um sonho em que estava no supermercado e viu um menininho sozinho perto das maçãs. Perguntou a ele onde estava sua mãe. Ele disse que não tinha. “Quer vir para casa comigo?”, perguntou ela.

“Eu posso ser sua mamãe!” Ele assentiu e Ruby o colocou no carrinho, em cima do pão e das bananas. Um mês depois, ela estava grávida. Assim que a barriga de Ruby começou a crescer com seu quinto filho, uma calma rara e passageira tomou conta dela. A gravidez, para ela, ainda era o chamado mais elevado, uma conexão sagrada com seu propósito divino. Naqueles momentos de contemplação silenciosa, quando a mão de Ruby se apoiava levemente na barriga crescente, eu via vislumbres dela em seu estado mais pacífico e satisfeito. Como desejei provar aquela mesma sensação de propósito, embarcar na minha própria jornada espiritual para descobrir o verdadeiro sentido da vida.

